Biografema-Heliana: restos de uma vida

Helian biography: the remains of a life

Maria Elizabeth Barros de Barros

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO:

O artigo apresenta uma homenagem à Professora Heliana Conde de Barros Rodrigues. A partir de fragmentos trás o que do que parece improdutivo, inútil, infecundo de sua vida. Busca ficcionar, como quem escreve fantasias, delira, devaneia com o improdutivo. Desenha traços biografemáticos de Heliana como detalhes insignificantes transformados em signos de escritura. Propõe pensar o efeito Heliana como teorizado pelos socioanalistas. Os efeitos formalizam fenômenos recorrentes, mas só se produzem/reproduzem em certas condições. Conhecer os efeitos é importante para que se possa analisar, combater, viabilizar-fortalecer movimentos sociais. Os efeitos analisadores não deixam nada no lugar; eles desarranjam, desarrumam, inquietam. O artigo afirma o efeito analisador Heliana como o que colapsa campos disciplinares delimitados, instala-se no artifício, provoca espanto, desarticula e decompõe a ordem presumida. Um efeito, tal como proposto pela socioanálise, que se expressa nas lutas que enfrentam a corporativização das forças sociais marginais, minoritárias ou anônimas. O efeito analisador Heliana faz emergir o inesperado, é delírio, lapso e incoerência.

Palavras-chave: Heliana Conde; biografema; socioanálise

ABSTRACT: (times, 15, negrito)

This article pays tribute to Professor Heliana Conde de Barros Rodrigues by exploring what may initially appear as unproductive, useless, and unfruitful aspects of her life. It employs fragments to craft a narrative that fictionalizes these aspects, akin to writing fantasies, deliriums, and daydreams about the unproductive. This article draws on biographemes—insignificant details transformed into meaningful signs of writing—to capture elements of Heliana's life. It proposes the concept of the "Heliana effect," as theorized by socioanalysts. These effects encapsulate recurring phenomena that manifest only under specific conditions. Understanding these effects is crucial for analyzing, combating, enabling, and strengthening social movements. The analysis of effects does not leave anything unchanged; it disrupts, unsettles, and disturbs existing structures. This work asserts that the Heliana analyzing effect breaks down conventional disciplinary boundaries, immerses itself in artifice, provokes astonishment, and also deconstructs the presumed order. This effect, as conceived in socio-analysis, is evident in struggles against the corporatization of marginalized, minority, or anonymous social forces. The Heliana analyzing effect highlights the unexpected, embracing delirium, lapses, and incoherence.

Keywords: Heliana Conde; biography; socio-analysis

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88526

Rio de Janeiro, 26 de junho de 2024.

Homenagear Heliana é uma das tarefas mais desafiadoras que recebi nos últimos tempos. Sim, um grande e importante desafio. Para enfrentá-lo, foi preciso traçar um laborioso caminho para pensar o que escrever e como escrever. Muitas emoções se precipitaram, mas as palavras fugiam, escapavam a todo momento... Tentei ensaiar algumas palavras para me aproximar do indizível desse encontro, mas essa dificuldade, certamente, indica que falar da Heliana é da ordem do indizível.

Assim, tentei criar fragmentos do que parece improdutivo, inútil, infecundo de sua vida. Talvez um exercício de ficcionar, como quem escreve fantasias, delira, devaneia com o improdutivo. Escrevi desenhando traços biografemáticos como “detalhes insignificantes transformados em signos de escritura” (FEIL, 2010: 81).

Ah!! Uma advertência: não vou usar os verbos no passado para falar dela, Heliana presente.

EFEITO HELIANA coloca em análise, combate e favorece intervenções. Efeito como foi teorizado pelos socioanalistas e de que ela gosta bastante. Os efeitos formalizam fenômenos recorrentes, mas só se produzem/reproduzem em certas condições. Conhecer os efeitos é importante para que possamos analisar, combater, viabilizar-fortalecer movimentos sociais... (RODRIGUES, 2003). Os efeitos analisadores não deixam nada no lugar; eles desarranjam, desarrumam, inquietam.

O efeito analisador Heliana colapsa campos disciplinares delimitados, instala-se no artifício, provoca espanto, desarticula e decompõe a ordem presumida. É um efeito insurgente. É um efeito que se expressa nas lutas que enfrentam a corporativização das forças sociais marginais, minoritárias ou anônimas, tentando inviabilizar sua integração ao já existentes (RODRIGUES, 2003). O efeito analisador Heliana faz emergir o inesperado, desvia, é delírio, lapso e incoerência. Heliana tem “a desavergonhada capacidade de habitar as ‘bordas’” (OLEGÁRIO; MUNHOZ, 2017: 155), indicando vias outras além do que está posto e sacralizado.

E é a partir desse efeito que busco criar um biografema da sua vida. No último artigo que escrevemos juntas, com o título Biografemas infames – rastros de vidas docentes (BARROS; RODRIGUES, 2023) afirmamos, ao lado de Roland Barthes, que criar um

biografema é narrar, é contar uma história de forma que ela não termine e se abra para que outros possam entrar. Biografemar é tecer fios, trama e urdume. Um texto tecido não como um simples amontoado de frases, mas com cuidado e amorosidade.

Ao traçar um biografema da vida da Heliana apenas pretendo trazer uma potência dos possíveis, a potência do menor, do minoritário (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Busco os pormenores, o menor de sua vida, as minúcias, os traços injustificáveis de sua existência. Busco contar o que dela sobrevive, evitando certo fascínio que pode torná-la inteira, totalizada, completa; e tomar um detalhe de sua vida como metonímia para sua narração. Capturei o *punctum*, ou seja, os traços que mais me interessam e mais me encantam na sua vida. Ora, biografemar implica uma relação afetiva entre o biógrafo e o biografado, entre o texto que está sendo escrito e o seu futuro leitor. É um “gesto amoroso” (BARTHES, 1984, 2003; COSTA, 2010), numa espécie de “anamnese factícia” (COSTA, 2012), que emprestamos àquele que amamos, escrevendo traços como detalhes foscos e vazios de sentido que não pretendem expressar uma verdade objetiva.

Por essa via, traçar uma biografemática é trazer pormenores isolados, capazes de compor uma biografia descontínua, que difere da biografia destino, na qual tudo se liga. Uma memória falsa, uma lembrança tênue, grafia de uma vida que faz passagem para outras criações a serem feitas por leitores, que, como indica Barthes (2004, 2015), serão, também, autores. A leitura é uma espécie de coautoria. Acredito que Heliana vai gostar que sua vida seja trazida pelos cuidados de amigos, ressaltando alguns pormenores, alguns gostos.

Nesse biografema, pouco importa o conteúdo ou a estrutura, pouco importa um real-oficial sobre ela, busco afirmar a potência do falso. Ora, não há um real a ser narrado sobre sua vida, não importa a forma do verdadeiro que constitui uma narração verídica de sua existência, e sim as potências do falso (DELEUZE, 2018). A descrição deixa de pressupor uma realidade, e a narração não mais remete a uma forma do verdadeiro. O que nos importa? As marcas que vamos impelindo a um invólucro ficcionado sem a pretensão de apresentar uma veracidade fundante de sua vida.

Talvez Barthes tenha razão ao afirmar que “amar + escrever = fazer justiça com aqueles que amamos, isto é, testemunhar por eles”, e é o que nos resta, “escrever o resto” (BARTHES, 2003). Restos como matéria potente para a escrita, que, constituída de sobras, torna-se precária.

Lili, como é carinhosamente chamada, vem dos seus textos, das suas aulas e vai para dentro de nossa vida, sem unidade, é um simples plural de encantos, vem como pormenores tênues, como vivos lampejos. O que me vem da vida da Heliana não é seu ofício como

professora e psicóloga, embora seja um percurso gigantesco e admirável. O que me vem, entre outras coisas, são suas risadas, sua ironia, sua irreverência, sua postura insubmissa, sua habilidade em criar neologismos, muitos deles engraçadíssimos, sua paixão por uma boa cachaça e, recentemente, uma boa vodca. Homenageá-la é criar um texto destruidor de um sujeito substancial e afirmar um ser para ser amado, sujeito disperso, estilhaços de lembranças, uma espécie de explosão que deixa restos, traços e vincos da vida passada. Uma espécie de rede de cicatrizes, memória.

TRAÇO-VINCO 1. Estávamos na casa de uma aluna, num bairro de Vitória (ES), para conversar sobre alguns aspectos da obra de Foucault. Heliana recebe de presente uma garrafa de cachaça, “das boas”. “Não vou ser egoísta, vamos abrir agora, todos beberemos. Foucault com cachaça é muito melhor”, disse e soltou aquela gostosa gargalhada. A conversa continuou, embalada pela cachaça. Cachaça com Foucault. No momento do seu embarque de volta para o Rio de Janeiro (RJ), sugerimos que deixasse a garrafa no carro, pois não conseguiria embarcar com uma garrafa de cachaça aberta. Ela imediatamente respondeu: “Não gosto de desperdiçar nada!!!” Bebeu o restante da cachaça num só gole e acrescentou: “Agora posso embarcar!” Heliana seguiu rumo ao Rio de Janeiro. Maravilhosa!!!

TRAÇO-VINCO 2. Mais um dia de encontro no Colégio d’Ufes, conforme ela nomeou nossos estudos foucaultianos em Vitória. O objetivo era uma supervisão clínico-institucional de um trabalho de criação de comissões de saúde nas escolas, as COSATES. Ela ouviu atentamente o que relatávamos e falou: “Essa sala onde o grupo se reúne é o barracão para a escola de samba COSATE. Coloquem essas comissões na avenida! Como comissões de frente das escolas de samba. Bota esse povo para sambar! Se a secretaria não quiser entrar na avenida, ótimo!! Quanto menos Estado melhor! Ninguém é idiota galera!!!” Suas frases ficam na gente como a peste! Depois dela, só podemos pensar como “contaminadas”.

TRAÇO-VINCO 3. Heliana foi convidada para um evento nacional de educadores em Vitória. O tema era o currículo. O título de sua palestra: Danação do currículo, uma modulação do título do livro Danação da norma. “Currículos governam crianças e jovens brasileiros, o que se pode esperar de um currículo? Meu impulso primeiro é de um basta! Ou conforme o título dessa fala, dane-se dirigido ao currículo”. E conclui sua exposição dizendo:

“Com Deleuze penso que professor deveria possuir um saco onde colocasse tudo o que encontra, com a condição de ser ele próprio posto no saco. O currículo, o professor e inclusive tudo o que estou dizendo aqui deve ser colocado num saco. Seguimos (re)sistindo dando passagem a sensibilidades outras, principalmente, às que o humor e o rigor nada tenham de incompatível”. A plateia, entre o susto e a admiração, fica em silêncio por alguns minutos. É o efeito analisador Heliana.

O QUE DURA NA EXPERIÊNCIA COM ESSA AMIGA DE TANTAS AVENTURAS É A AMIZADE. “Viva a amizade!”, ela disse com aquele sorriso sempre aberto na banca de defesa do Mário, doutorando do Luís Antônio da Universidade Federal Fluminense (UFF). Um amigo se volta em direção ao outro não como identificação, mas como “uma relação agônica” que abre universos, excede as relações interpessoais e dá passagem a uma mutação existencial. Amigo é só isto: a pessoa com quem a gente gosta de conversar, desarmado. “Amigo é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê”, já dizia Riobaldo, em Grande Sertão: Veredas (GUIMARÃES ROSA, 2006). As políticas da amizade não nos apaziguam, mas nos fazem insurgentes.

Heliana escreve como quem quebra rochas, quando “voam faíscas e lascas como aços espelhados” (LISPECTOR, 1998: 33), produzindo contágio com extrema virulência e rapidez. Viriliza a força criadora do desejo e aposta num futuro por vir. Quem lê-vive Heliana, sai talhado!!!

Lili é como os vaga-lumes na escuridão de Pasolini, em meio a adversidades e fascismos em suas diferentes faces, ela se faz vaga-lume, resistindo com sua luz. Emite flashes de luzes para atrair parceiros, espantar predadores e chamar parceiros para a reprodução. Os poderosos cobrem os vazios com suas manobras e seus sorrisos, mas ela sempre nos lembra: a resistência é superior a todas as forças, pois obriga as relações de poder a mudar.

UMA ANTIBULA PARA CONTINUAR. Alguns traços de memória dão condição de existência ao presente, que se abrem em novas direções, com novas tonalidades, na medida em que se atualizam. Assim, inspirada pelo que aprendemos com ela, com suas práticas insurgentes, criei uma bula com orientações sobre o modo de uso de uma substância, ao estilo de um documento que acompanha as medicações contendo informações, indicações, dosagens, destacando, principalmente, os efeitos colaterais. Minha versão é formulada por antiprincípios e seus efeitos colaterais o que efetivamente importa para prosseguirmos seguindo seus rastros.

- 1) Resistir: poder e resistência são inseparáveis, cartografem seus caminhos.
- 2) Criar espaços de luta, criar possíveis de transformação. Ora, a resistência é inventiva, móvel, permanece superior a todas as forças, obriga as relações de poder a mudar.
- 3) Resistir às luzes ofuscantes do poder de políticas governamentais.
- 4) Exigir a instauração de novas normas com raízes na vida!
- 5) Fazer sobreviver os vaga-lumes!!! Afinal, mesmo em meio à vida devassada, é possível encontrar alegria e encantamento. Brincar irmanadas aos vaga-lumes, decretando a sua re-volta.

Conviver com Heliana é viver momentos de alegria intensa, afetos que não damos conta de dimensionar. Seu vigor e sua irreverência nos animam e fortalecem para seguir. A cada passo, traça um modo de viver como força de revolta para enfrentar o que apequena a existência. Líderes só são líderes porque fortalecem os que estão a seu lado. Líderes não querem seguidores, mas companheiros. Heliana é a força motriz de uma galera que resiste, que não tolera o intolerável. Heliana sempre nos acompanha e emoldura nosso grito. Mulheres como Heliana não morrem.

Referências bibliográficas

- BARROS, Maria Elizabeth Barros de; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Biografemas infames – rastros de vidas docentes. *Revista Pro-posições*, vol. 34, 2023.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. *A morte do autor*. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- COSTA, Luciano Bedin da. *Estratégias biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- COSTA, Cristiano Bedin. *Pesquisa biografemática como ato de criação de uma vida estrangeira em educação*. *Revista Artíficos*, vol. 1, nº 1.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FEIL, Gabriel Saussen. O simulacro e o biografema – de A a Z. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). Fantasias de escritura: filosofia, educação, literatura. Porto Alegre: Sulina, 2010.

GUIMARÃES ROSA, João. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro, 1998.

OLEGÁRIO, Fabiane; MUNHOZ, Angélica Vier. Fragmentos de escritura: rastros de uma vida. Informe C3, vol. 9, nº 1 (ed. 18), 2016/2017.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Análise institucional francesa e transformação social: o tempo (e contratempo) das intervenções. Acheronta: Revista de Psicoanálisis y Cultura, nº 18, 2003.

Maria Elizabeth Barros de Barros
Doutora em Educação
Professora Titular da Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: barros.bete@gmail.com